

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora  
Ano 2019



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9201926048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9201926049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>90</b>
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>104</b>
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>113</b>
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>129</b>
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>141</b>
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>152</b>
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>166</b>
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>173</b>
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>190</b>
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>197</b>
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>210</b>
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>225</b>
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>231</b>
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>242</b>
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>258</b>
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>270</b>
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>286</b>
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>298</b>
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>310</b>
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	



**CAPÍTULO 30 ..... 317**

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):  
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.92019260430**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 333**

## FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

**Vanessa Elias**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Garopaba - Santa Catarina

**RESUMO:** Apesar da necessidade evidente de discussão e reflexão sobre as questões de gênero e diversidade, a escola, de modo geral não coloca essas questões em pauta. Com o intuito de promover o debate e a reflexão sobre questões que envolvem as diversidades, surge a ideia de criar e coordenar um grupo de estudos na escola EEB José Rodrigues Lopes, em Garopaba. Este trabalho utilizou-se do método de pesquisa de intervenção. A proposta educacional deste projeto contempla diversos tópicos acerca da busca pela inclusão de “minorias” com o intuito de discutir alguns temas em reuniões mensais e promover intervenções na escola e na comunidade. No ano de 2016 pautamos temáticas referentes às mulheres e aos movimentos feministas, visando promover o debate e auxiliar na desconstrução de preconceitos e combater à discriminação e as desigualdades de gênero, com isso visando promover o respeito e valorização às diversidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Diversidade. Escola.

**ABSTRACT:** Despite the obvious need for

discussion and reflection on gender and diversity issues, the school does not generally address these issues. In order to promote debate and reflection on issues involving diversity, the idea arises of creating and coordinating a study group at the EEB José Rodrigues Lopes School in Garopaba. This work was done using the intervention research method. The educational proposal of this project contemplates several topics about the search for the inclusion of “minorities” in order to discuss some topics in monthly meetings and to promote interventions in school and in the community. In the year 2016, we set themes for women and feminist movements, aiming to promote debate and help in the deconstruction of prejudices and to combat discrimination and gender inequalities, with the aim of promoting respect and appreciation for diversity.

**KEYWORDS:** Gender. Diversity. School.

### 1 | INTRODUÇÃO

No Brasil, a educação inclusiva está amparada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que assegura o direito à escola a todas as pessoas (brasileiras ou estrangeiras residentes no país), sem discriminar negativamente singularidades ou características específicas de indivíduos ou

grupos humanos. O Plano Nacional de Educação, de 2001 (Lei nº 10.172), embora surgido em um contexto de profunda mobilização social, foi conservador em seu tratamento dos temas relativos a gênero e orientação sexual. De fato, apesar de ter sido produzido quando as desigualdades de gênero e a necessidade de superá-las ocupavam um importante espaço nos debates na sociedade brasileira, a menção do tema gênero se deu apenas em alguns de seus tópicos e na análise diagnóstica de alguns níveis de ensino (VIANNA e UNBEHAUM, 2004).

Conforme observa Guacira Lopes Louro, as políticas curriculares são, então, alvo da atenção [de setores conservadores], na tentativa de regular e orientar crianças e jovens dentro dos padrões que consideram moralmente sãos. (LOURO, 2004a, p.130). Mas, diversas iniciativas, esparsas em todo o país, pautaram discussões sobre corpo, sexualidade, gênero, identidade de gênero e orientação sexual no ambiente escolar.

Ao longo dos processos de construção dos gêneros e das relações que se estabelecem em função disso, são praticamente onipresentes as injunções da heteronormatividade, com seus mecanismos de controle. O termo heteronormatividade refere aos ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero que são admitidos como normais ou aceitáveis àqueles ajustados ao par binário masculino/feminino.

Nesse contexto, é preciso considerar a experiência escolar como fundamental para que tais conceitos se articulem, ao longo dos processos em que noções de corpo, gênero e sexualidade, entre outras, são socialmente construídas e introjetadas. Uma experiência que apresenta repercussões na formação identitária de cada indivíduo, incide em todas as suas esferas de atuação social e é indispensável para proporcionar instrumentos para o reconhecimento do outro e a emancipação de ambos. A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças.

Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (SILVA, 1996, p. 49). Para Sérgio Carrara, 2009, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica, que traga a percepção do aluno/a, nos discursos homofóbicos, misóginos ou sexistas e racistas, possibilitará um diálogo em sala de aula favorável a desconstrução de um contexto histórico patriarcal, heteronormativo e branco. Se o projeto Gênero e Diversidade Sexual na Escola contribuir, um pouco que seja para a formação de uma geração que entenda o caráter vital da diferença (pelo menos de algumas delas), já terá cumprido em grande medida seu objetivo.

## 2 | A IMPORTÂNCIA DE SE FALAR SOBRE GÊNERO NA ESCOLA

Na atualidade, podemos perceber que a sociedade mudou e a escola não acompanhou tais mudanças. O sistema educacional foi sendo moldado conforme os interesses de um sistema, onde se tornou um ambiente com práticas que tendem a servir ao mesmo. Dessa forma a diversidade dos sujeitos não é respeitada.

Na escola tradicional existem diversos fatores que deveriam ser repensados para que os estudantes se desenvolvessem de forma integral e que os aprendizados ocorressem de forma significativa. Ao contrário do que pensam alguns, as crianças e adolescentes não são um livro em branco, pois trazem consigo muitos conhecimentos e esses conhecimentos são completamente desvalorizados e descartados. Ainda hoje se pratica na escola o que Paulo Freire chamava de educação bancária, onde o professor é o protagonista do processo de ensino aprendizagem e não se considera os saberes dos alunos.

Os temas abordados nas salas de aulas muitas vezes não fazem conexão com a realidade e muito menos consideram a diversidade dos estudantes. O aluno não vê relevância para a sua vida no que está aprendendo, o que o deixa completamente desestimulado. Para o aluno as matérias são chatas e não são interessantes.

Será que o aluno vai para a escola para aprender de fato? Ou apenas para sentar, se acomodar e obedecer a normas? Nesse contexto, a escola tornou-se uma instituição que fomenta a homogeneização ao invés de valorizar as múltiplas habilidades e saberes, dificultando o acolhimento das diferenças. Ao se criar um padrão normativo, oprime-se a identidade dos sujeitos e qualquer comportamento que não siga as normas preestabelecidas exclui aquele que se difere desses padrões. Nesse ambiente que produz a homogeneização, os “diferentes” são excluídos e discriminados e se dá continuidade e reforçam-se os preconceitos construídos historicamente.

A escola deveria ser um espaço para desenvolver o senso crítico, desconstruir ao invés de reproduzir, contribuindo para a formação integral, humana e cidadã de cada sujeito respeitando a diversidade.

Vivemos em uma época marcada pela construção social dos papéis masculinos e femininos oriundos da relação de poder estabelecida entre homens e mulheres. Esta diferença, porém, tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade ainda não tem oferecido às mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a todos/as (PEREIRA et al, 2007). Em nossa sociedade, a diferença entre homens e mulheres muitas vezes é hierarquizada, mantendo situações nas quais as mulheres tendem a ocupar um lugar inferior. Ou então, a diferença é utilizada como expressão de vitimização para favorecer interesses individuais.

Quando ignoramos essas diferenças ou atribuímos a elas valores permanentes sem atentar para as possibilidades de ruptura e de construção de novas definições do que é socialmente concebido como masculino e feminino, corremos o risco de reforçar a desigualdade de gêneros. As identidades de gênero são construídas pelos sujeitos



ao se identificarem, social e historicamente, como femininos ou masculinos.

Faz-se necessário nas escolas levantar alguns questionamentos com o intuito de promover à reconstrução de ideias sobre a constituição de femininos e masculinos, sendo que devem ser vistos como elementos não necessariamente opostos ou essenciais, uma vez que a oposição não é inerente, mas sim, construída, e pode ser subvertida.

Louro (1997) defende que este conceito não significa que haja uma maneira pré-determinada que decida o que é ser homem e o que é ser mulher; não se deve considerar que há papéis masculinos e femininos, pois pensando assim:

(...) não conseguiríamos examinar as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (p.24).

Com isto, percebemos que aprendemos e construímos as identidades do que é ser homem e mulher, e esta aprendizagem se processa em diversas instituições sociais, em tempos e lugares específicos (MEYER, 2008).

Neste cenário as práticas escolares adquirem extrema importância, pois são práticas políticas, historicamente contingentes e podem ser transformadas pelos sujeitos que as constroem.

O problema do preconceito de gênero, que afeta meninos e meninas, homens e mulheres, nas salas de aula e nos espaços escolares, tem base em um sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro e aparecem até mesmo nos livros didáticos e nas relações escolares. O ambiente escolar pode reproduzir imagens negativas e preconceituosas, por exemplo, quando professores relacionam o rendimento de suas alunas ao esforço e ao bom comportamento, ou quando as tratam apenas como esforçadas e quase nunca como potencialmente brilhantes, capazes de ousadia e liderança. O mesmo pode ocorrer com os alunos quando estes não correspondem a um modelo masculino predeterminado.

Contudo, a escola também pode reproduzir novos valores e atitudes, além de estereótipos e preconceitos. Com isso, a escola não só recria em seu interior preconceitos de gênero como também prepara garotas / mulheres para posições mais competitivas no mercado de trabalho, bem como estimula garotos / homens para assumir funções de provedores de cuidado. Para que ocorram mudanças de condutas pedagógicas, na escola, com a intenção de atingir à equidade de gênero, não se deve contemplar nenhuma forma de discriminação. Assim, nestas instituições pode haver a produção de diferenças e desigualdades destes indivíduos, e também a informação, do que cada um/a pode ou não fazer e do lugar que meninos e meninas devam ocupar (LOURO, 1997). Pereira et al (2007) relata que até a forma que os meninos e as meninas brincam, na infância, pode influenciar inclusive na escolha das profissões que terão no futuro.

Observa-se que no ambiente escolar ainda se adotam posturas e atitudes que reforçam tais preconceitos, como à formação de filas, que possui o objetivo de manter a ordem, só que isso pode provocar diferença de gênero entre os/as envolvidos/as (PEREIRA et al, 2007). Destaca-se também o uso da expressão no masculino: o “professor”, o “aluno”. Então, devemos usar uma linguagem não-sexista para dar visibilidade à presença das mulheres e reconhecer a sua contribuição social (PEREIRA et al, 2007).

Outra forma de combater o preconceito e discriminação de gênero é quando os/as professores/as vão fazer a escolha dos livros didáticos. Devem também estar atentos/as, porque de forma indireta eles estão orientando sobre as questões de gênero, como por exemplo, por meio de seus textos escritos, de suas imagens, de suas fotografias, e na forma como apresentam e constroem culturalmente as mulheres e os homens (PEREIRA et al, 2007). Os livros didáticos podem abordar as relações de gênero e na escola não há preocupação dos docentes com essa questão. Por exemplo, os livros de História do Brasil devem fazer referência às mulheres, devem comentar a conquista das mulheres pelo direito ao voto, trazer a história do movimento feminista do século XX. Já nos livros de Ciências, deve-se prestar atenção se as imagens são de corpos femininos ou masculinos (PEREIRA et al, 2007). Os livros de História vêm retratando uma imagem puramente masculina, branca e heterossexual, enquanto a mulher e os gays, por exemplo, não são discutidos. Os livros não incorporam uma história social preocupada com a desconstrução dos estereótipos de gênero e da superação das desigualdades sociais entre homens e mulheres (PEREIRA et al, 2007). Alguns homens são considerados diferentes por se afastarem do padrão hegemônico que a sociedade apresenta e, dessa forma, experimentam práticas de discriminação ou subordinação. Na nossa sociedade, são tidos como diferentes aqueles/as que não fazem parte da hegemonia branca, masculina heterossexual e cristã (LOURO, 1997).

Se as identidades de gênero estão se construindo e se transformando, há a necessidade de que profissionais da área de educação terem um olhar social e crítico diante dessas diferenças de gênero. Assim, o debate precisa se disseminar nos ambientes acadêmicos e educacionais, para que a inclusão da temática “gênero” seja efetivada, de fato, nos currículos escolares. Dessa forma, professores/as das diferentes disciplinas poderão lidar com o tema e com situações do cotidiano relacionadas a ele. Com esse procedimento, estaremos contribuindo para que a escola não seja um instrumento de preconceitos, mas de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira. Por isso, a escola se configura como o caminho mais consistente e promissor para um mundo sem intolerância, mais plural e democrático.

### **3 | DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO**

Com a luta e as conquistas dos movimentos feministas no mundo inteiro, muitas vezes temos a sensação de que as questões de gênero estão próximas de

alcançar a equidade tão sonhada. Porém, a realidade ao nosso redor, evidenciam que a sociedade ainda é muito machista e as meninas e meninos ainda vivenciam em suas casas uma rotina que privilegia o homem. As tarefas do cotidiano sobrecarregam as meninas, que no futuro terão que dar conta da tal “dupla jornada”, diferente da maioria dos meninos. Fazendo uma análise desse modelo de educação fica claro o comportamento que observamos em crianças, adolescentes e jovens em outros ambientes sociais, inclusive na escola.

No ambiente escolar são muitas as situações que retratam a reprodução desses comportamentos machistas. Essas atitudes partem tanto das meninas, quanto dos meninos e quem deveria mediar esses conflitos e ajudar a desconstruir esses comportamentos muitas vezes não interfere. Os educadores, por vezes não percebem essas situações, já que também foram educados em ambientes muito machistas e conservadores e ainda ajudam a reforçar algumas questões e os que percebem essas situações, muitas vezes não sabem como agir.

As escolas são um reflexo da sociedade em que vivemos. Ainda hoje, vimos meninos que tratam as meninas como objeto. Como poderia ser diferente se ainda é permitido propagandas, novelas, filmes, músicas que ainda perpetuam essa imagem vulgarizada das mulheres? As escolas que optam pelo não uso de uniformes escolares ao invés de colocar em pauta algumas questões acabam reforçando essas visões machistas, já que a menina não tem a liberdade de escolher o que vestir por causa do olhar que os meninos terão sobre elas.

No início do ano letivo de 2016, professores e equipe de gestão reuniram-se para pensar e reelaborar o Plano Político Pedagógico. No que se refere às regras a serem seguidas havia uma menção ao comprimento permitido para o shorts das meninas (PPP,2015).. Dizia que as meninas só poderiam vestir-se com short bermuda com quatro dedos acima do joelho. Nenhum dos participantes da reunião interrogou sobre tal exigência. Percebendo que essa era uma questão que não era questionada, iniciei o debate sobre o assunto, argumentando a discriminação nela contida, e depois de muita discussão foi possível modificar essa regra para o ano que se iniciava. Porém, ainda consta no documento menção sobre a vestimenta das meninas (PPP, 2016).

Nos dias atuais muito dos papéis desempenhados por meninos e meninas ainda são definidos pelo pensamento machista construído historicamente. Percebe-se esse padrão de comportamento nos esportes, nas artes, no modo de agir, se posicionar,... Cabe a nós educadores fomentar essas discussões. Tanto meninos, quanto meninas têm o direito de experienciar atividades e papéis desvinculados desses padrões preestabelecidos e de preconceitos.

As questões que envolvem a temática de gênero não têm um papel de destaque no ambiente escolar e situações de preconceito e inferiorização das mulheres, em muitos casos ainda são aceitos com naturalidade. O papel da escola é criar um ambiente que gere o empoderamento dessas meninas e combater essas situações, além de promover reflexão e debate. Não podemos permitir que a perversidade dessas

ideias machistas continuem se perpetuando, que sejam reproduzidas e reafirmadas de geração em geração. Por isso, surge a vontade de criar um grupo de estudos que debata essas temáticas na escola, com o intuito de promover mudanças no modo de pensar e agir dos estudantes.

Foram realizados 09 encontros onde discutimos feminismo, papéis de gênero na infância, linguagem machista, a representação da mulher na mídia, violência de gênero e a cultura do estupro para tal foi utilizado textos e vídeos como guias para realização das reuniões do grupo de estudos.

Além dos encontros para estudos, nos reunimos em outros momentos para organizar e produzir matérias para as intervenções citadas no próximo capítulo.

## **4 | INTERVENÇÕES PARA FAZER PENSAR E (RE)CONSTRUIR**

Com a intenção de promover o debate e a reflexão sobre as questões de gênero o grupo de estudos Fridas realizou no decorrer do ano de 2016 algumas intervenções na escola e na comunidade. Essas intervenções têm como objetivo colocar em pauta no ambiente escolar e também para fora dos muros da escola fomentando a reflexão e buscando contribuir na construção de um ambiente escolar e uma sociedade com mais respeito às diversidades e maior igualdade e justiça.

### **4.1 Cena Contra A Cultura Do Estupro**

Ao final do mês de maio de 2016, foi divulgada na mídia a notícia de um estupro coletivo no Rio de Janeiro. Uma menina de 16 havia sido estuprada por 33 homens e os vídeos do crime foram divulgados na internet pelos abusadores.

Nesse contexto surge um grande debate sobre a cultura do estupro. A “Cultura do estupro” é um termo usado para abordar as maneiras em que a sociedade culpa as vítimas de assédio sexual e normaliza o comportamento sexual violento dos homens, havendo a culpabilização da vítima. Essa “cultura” é uma consequência da naturalização de atos e comportamentos machistas, sexistas e misóginos, que estimulam agressões sexuais e outras formas de violência contra as mulheres. Esses comportamentos podem ser manifestados de diversas formas, incluindo cantadas de rua, piadas sexistas, ameaças, assédio moral ou sexual, estupro e feminicídio. Na cultura do estupro, as mulheres vivem sobre constante ameaça, ferindo os direitos humanos, em especial os direitos humanos das mulheres.

Na escola, o tema também veio à tona, interpretado de diversas formas, inclusive com discursos tanto de professores, quanto de estudantes, que reproduziam essa cultura culpabilizando a vítima pelo estupro coletivo. Nas falas apareciam frases como: “Mas ela estava drogada”, “O que ela estava fazendo no morro?”, etc. Com isso, o Fridas sentiu a necessidade de intervir e gerar uma reflexão com o intuito de desconstruir essas ideias onde a violência contra mulher é naturalmente aceita e,



sobretudo culpa da mesma.

Em uma das reuniões decidimos encenar um ato, onde uma mulher era submetida à agressões e violência sexual. A cena foi feita em todas as salas de aula, nos três turnos de aulas (matutino vespertino e noturno). Os estudantes que participam do grupo entravam na sala de aula sem aviso prévio já atuando e ao final levantavam cartazes com frases contra a cultura do estupro.

#### **4.2 Festa junina: tem gênero e diversidade? Tem sim “sinhô”!**

No dia da festa junina da escola, no mês de junho, montamos uma barraquinha para a divulgação do grupo e dos nossos estudos e objetivos. Nessa intervenção conversamos com os participantes da festa – estudantes e comunidade em geral - sobre a atuação do grupo e temas relacionados às questões de gênero e diversidade.

#### **4.3 Empoderamento no banheiro da escola**

O empoderamento feminino, basicamente, se refere a dar poder para outras mulheres e cada mulher assumir seu poder individual. Com isso, há crescimento e fortalecimento do papel de todas na sociedade.

Um processo que tem ainda mais valor porque contribui para diluir a ideia de que nascemos para nos odiar e que devemos nos tratar como rivais. Um exercício de desconstrução de duas vias em que não só uma mulher, como duas ou mais, se beneficiam.

Muito se fala sobre empoderamento hoje em dia, porém, são necessárias ações que promovam esse tal empoderamento de mulheres e que se criem espaços que produzam tais debates e reflexões. Empoderar é enaltecer, botar uma menina ou uma mulher no degrau de cima, contribuir para que conquistem seus espaços, seja de fala ou de trabalho. Não menos importante: enaltecer a si mesma.

No recesso escolar de julho, o grupo Fridas se propôs a realizar uma intervenção em um dos banheiros utilizado pelas meninas da escola.

Trouxemos frases de empoderamento, tinta e sprays para a realização da intervenção. No decorrer do trabalho resolvemos fazer uma intervenção também em um dos banheiros utilizados pelos meninos.

No dia de volta as aulas houve muita repercussão sobre as modificações realizadas nos banheiros. Várias meninas falando de como haviam gostado da ação e estavam se sentindo representadas e o quanto pensavam ser importante pensar sobre o assunto. Além disso, algumas professoras também produziram algumas falas de apoio à intervenção do grupo.

Já no banheiro masculino, houve uma reação totalmente contrária. No turno da tarde, frases coladas atrás das portas de cada vaso sanitário e nas paredes acima dos miquitórios haviam sido arrancadas, restando apenas a frase na parede onde estava escrito em spray: “RESPEITA AS MINA!”

#### 4.4 Movimenta na praça: café com diversidade

O projeto #Movimenta começou no dia 12 de agosto com uma palestra aberta que foi proferida no auditório da EEB. José Rodrigues Lopes, em Garopaba. No dia 13 do mesmo mês, exclusivamente para os inscritos, aconteceu o primeiro encontro onde os jovens de Garopaba e Imbituba iniciariam oficinas para auxiliá-los a tirar suas ideias e projetos da cabeça e do papel. O Movimenta é uma aceleradora de sonhos, projetos e ideias criativas para transformar ainda mais - com arte, cultura, mobilização, intervenção urbana - as cidades envolvidas.

Entre agosto e outubro de 2015, foi realizado um programa de oficinas para criação colaborativa de projetos que promovam a cidadania e a transformação social. A iniciativa do programa surgiu do sonho da agente de transformação social, Daniela Reis, fundadora da rede Minha Garopaba e também representante da rede Yunus Negócios Sociais em Santa Catarina.

No segundo módulo do Programa de Oficinas, que aconteceu no dia 27 de agosto, nós tivemos a oportunidade de compartilhar ferramentas para engajar e incluir pessoas nas nossas ações nas cidades. Trabalhamos com o mapa de empatia para conseguirmos nos colocar no lugar dos atores envolvidos na comunidade com o intuito de engajá-los na proposta e a curva de engajamento para podermos detectar o grau de engajamento de cada grupo de pessoas. A primeira ação foi espalhar vários cartazes pela cidade com mensagens urbanas inspiradoras e provocar curiosidade nas pessoas com relação ao projeto.

No terceiro módulo, no dia 10 de setembro, aconteceu uma oficina de planejamento criativo, com muitas cores, ferramentas e metodologias que fogem do convencional. A ideia deste módulo era ir um pouco além do planejamento das ações, e também gerar valor para projetos paralelos e mobilizações dos participantes. O programa de oficinas tem como objetivo promover o processo de conhecimento das demandas da comunidade, pensar criativamente soluções para os problemas, planejar as ações, mobilizar recursos e pessoas para colocá-las em prática. Para isso aconteceram vários encontros para a organização de um evento que envolvesse a comunidade.

Como resultado das oficinas, surgiu o #MovimentaNaPraça, que tem como objetivo transformar a maneira como as pessoas percebem o espaço público, inspirando a ocupar a cidade de forma criativa, artística, bem humorada e diversa, com tudo acontecendo ao mesmo tempo e em um só lugar. Qualquer pessoa poderia inscrever uma atividade ou oficina. A proposta do #Movimenta é ser itinerante e movimentar todos os bairros das duas cidades escolhidas para o início do Programa, iniciando pelo centro de Garopaba.

Juntamente ao projeto surge a vontade de promover uma roda de conversa sobre feminismo. Sabemos que apesar dos grandes avanços e conquistas das mulheres, atualmente ainda existe muito preconceito, discriminação e desigualdade. A roda de conversa foi intitulada: “Século XXI: Feminismo pra quê?” chamando a comunidade

para dialogar sobre esta questão na praça central da cidade participando de um “Café com Diversidade”.

Essa roda de conversa foi mediada pelo grupo Fridas, sendo iniciada pela coordenadora do grupo a professora Vanessa Elias, introduzindo a luta dos movimentos feministas no mundo e no Brasil e depois abrindo a roda para colocações, depoimentos e contribuições das participantes. Ao final produzimos algumas frases e questionamentos em papel sulfite e espalhamos pela praça com intuito de deixar fazer uma urbana sobre o tema abordado e as nossas reflexões na praça onde foi realizado o evento.

#### **4.5 25 De novembro: dia internacional da não violência contra a mulher**

Segundo a página do Coletivo feminino Plural, o dia 25 de novembro foi declarado *Dia Internacional da Não violência contra a Mulher*, no Primeiro Encontro Feminista da América Latina e Caribe realizado na cidade de Bogotá em 1981, como justa homenagem a “Las Mariposas”, codinome utilizado em atividades clandestinas pelas irmãs Mirabal, heroínas da República Dominicana, brutalmente assassinadas em 25 de novembro de 1960.

Minerva, Pátria e Maria Tereza ousaram se opor-se à ditadura de Rafael Leônidas Trujillo, uma das mais violentas da América Latina. Por tal atitude, foram perseguidas e presas juntamente com seus maridos. Como plano para assassiná-las, uma vez que provocaram grande comoção popular enquanto estavam presas, o ditador acabou por libertá-las, para em seguida simular um acidente automobilístico matando-as quando iam visitar seus maridos no cárcere. Seus corpos foram encontrados no fundo de um precipício estrangulados e com ossos quebrados.

A notícia do assassinato escandalizou e comoveu a Nação. Suas ideias, porém, não morreram. Seis meses mais tarde, em 30 de maio de 1961, Trujillo é assassinado e com ele cai a ditadura. Inicia-se, então, o processo de libertação do povo dominicano e de respeito aos direitos humanos, como quiseram Pátria, Minerva e Maria Tereza, cuja memória converteu-se em símbolo de dignidade, transcendendo os limites da República Dominicana para a América Latina e o mundo.

Consideramos importante pensar sobre todas as violências sofridas pelas mulheres ainda em pleno século XXI trazendo alguns dados atuais fazendo uma intervenção no dia 25 de novembro.

Para isso confeccionamos uma faixa informando sobre o Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher (Foto 11) e os dados escrevemos em círculos coloridos que penduramos no refeitório (Foto 12 e 13). No mesmo dia, na hora do intervalo para o recreio deixamos tocando músicas feministas e de empoderamento feminino, já que algumas canções são ferramentas de objetificação e inferiorização da mulher e muitas vezes fazem apologia à desigualdade e à violência de gênero.

## 5 | RESULTADOS E ANÁLISES

Com o intuito de confraternizar, organizamos um café que também tinha como motivação perceber a importância das discussões propostas pelo grupo durante o ano de 2016. Para isso foi aplicado um questionário às pessoas presentes. Neste dia, 25 de novembro, nos reunimos também com a finalidade de finalizar as atividades do grupo em 2016 e também pensarmos no planejamento para o próximo ano.

Na ocasião compareceram apenas três das estudantes que participaram do grupo ao longo do ano, que neste trabalho serão mencionadas com nomes fictícios. O número de participantes nos encontros durante todo o processo oscilou, já que era uma proposta de trabalho extraclasse e voluntária.

Para avaliar o processo e fazermos uma reflexão acerca da importância dos nossos estudos foi importante detectar os motivos que levaram esses estudantes a participar do grupo de estudos em gênero e diversidade. Uma das estudantes apontou que:

“O que me motivou a entrar no grupo foi à falta de informação sobre diversos temas que deveriam ser discutidos não só em sala de aula, mas em roda de conversa com amigos, familiares,... Foi a vontade de sair da “caixa”, ganhar conhecimentos que vão me ajudar a ser uma pessoa melhor.” Ana, 15 anos, estudante do 9º ano.

Também foi importante saber de que forma chegaram e como estão saindo, buscando perceber a evolução com relação aos seus conhecimentos e também a importância desses estudos e aprendizados para suas vidas no dia a dia, não só na escola, mas também em outros ambientes sociais com relação às diversidades.

“...Os estudos e conversas acrescentaram muito na minha vida pessoal. Foi algo que realmente me ajudou. Um conhecimento que pretendo levar e passar para outras pessoas.” Rita, 16 anos, estudante do 9º ano

Além da aquisição de conhecimento com relação às desigualdades de gênero é importante transformar nossas atitudes e posicionamentos diante dessas desigualdades, com o intuito de promover o debate e reflexão sobre tais questões buscando desconstruir os preconceitos e promover ambientes sociais com mais equidade. A partir dessas reflexões os participantes do grupo adquiriram conhecimento sobre o tema e com isso passaram a observar nas relações cotidianas a presença de preconceito e discriminação e a se posicionar com relação a essas questões. Além disso, as reuniões do grupo foram importantes para promover o empoderamento das meninas, fazendo com que tenham mais confiança e não se deixem oprimir pelas construções históricas do patriarcado.

“Eu aprendi a ter voz e não abaixar a cabeça pra ninguém. Eu sempre fui de ouvir as coisas e ficar calada, mas agora isso mudou e eu dou minha opinião sem medo. Hoje tenho mais segurança de falar, me posicionar. Tenho mais coragem! Entendi o que é feminismo e agora sou feminista com muito orgulho!” Ruth, 15 anos, estudante do 9º ano.

A partir dos depoimentos expostos fica evidente a importância de se colocar em



pauta as questões referentes às diversidades no ambiente escolar. Atualmente apesar dos documentos relacionados à educação abordarem a importância desses temas no ensino brasileiro, percebe-se a invisibilidade dos mesmos no cotidiano das escolas. Parte do problema está relacionada à falta de conhecimento dos professores para lidar com essas situações, ficando clara a necessidade de formação para capacitar os docentes mediante as questões que envolvem gênero e diversidade.

Como nas salas de aula ainda não existe uma prática que promova discussões e debates com intuito de combater todas as formas de preconceito e discriminação, faz-se necessário promover espaços onde os estudantes e toda a comunidade escolar possam refletir sobre tais questões buscando a desconstrução de tais culturas, que historicamente continuam reproduzindo desigualdade e gerando violência.

“Agora eu vejo que o preconceito existe. Há muito tempo que é passado para nós jovens, que só existe um tipo de pensamento...” Ana, 15 anos, estudante do 9º ano.

“Um espaço de diálogo para falar de gênero e diversidade é importante principalmente para a desconstrução de tabus, para os jovens desconstruírem preconceitos e terem consciência de seus atos.” Rita, 16 anos, estudante do 9º ano.

Além da importância que o grupo de estudos teve para os estudantes, como comprova os seus relatos, pra mim foi uma experiência muito significativa e importante tanto na área profissional, quanto pessoal. A partir dos encontros pude perceber o quanto as desigualdades afetam a trajetória de vida dos estudantes e fico muito feliz em ter a oportunidade de auxiliar na transformação dessa realidade.

Sinto-me gratificada por ter criado um espaço - grupo de estudos Fridas - onde os estudantes puderam repensar conceitos e atitudes, promovendo o empoderamento de meninas, que hoje se sentem mais confiantes e serão mulheres prontas a desconstruir essa cultura patriarcal em todos os espaços por onde circularem. Além disso, acredito que as intervenções na escola e fora dela também geraram reflexões que podem levar à desconstrução de preconceitos fazendo com que haja mais respeito às mulheres, não somente na escola, mas também na comunidade onde a escola está inserida.

Ao constatar a importância da implementação desse grupo de estudos em gênero e diversidade - Fridas - na EEB José Rodrigues Lopes, em Garopaba, pretendemos dar continuidade nos trabalhos do grupo fazendo reuniões de estudos no próximo ano e ampliando a atuação do Fridas em outras instituições de ensino no município e cidades vizinhas com a organização de palestras, compartilhando nossas experiências e, sobretudo buscando auxiliar a formação de cidadãos mais conscientes e livres de preconceitos, que respeitem as tão ricas diversidades de cada um. Dessa forma estaremos ajudando com nossas discussões e reflexões para que as diversidades não sejam vivenciadas com desigualdade e a construir um futuro melhor para todos nós.

## 6 | CONCLUSÕES FINAIS

Na escola, observa-se que não existe uma preocupação em abordar temas relacionados às questões de gênero e diversidade. As ações que são praticadas são pontuais e geralmente não envolvem toda a comunidade escolar. No cotidiano ainda presenciavam-se diversas formas de discriminação e preconceito, no que diz respeito aos gêneros, sexualidades, religiosidades e demais diversidades dos atores que compõem os ambientes educacionais.

Percebeu-se que a proposta de colocar em pauta essas discussões aos poucos vai gerando transformação a partir das reflexões colocadas no decorrer do ano letivo no grupo de estudos Fridas. Podemos constatar que muitas das vezes esses pensamentos e opiniões preconceituosas são fruto de falta de conhecimento e a partir da aproximação dos estudantes com o tema, eles passam a compreender a complexidade dos seres humanos e com isso passam a respeitar às diferenças. Além disso, tornam-se multiplicadores desses ideais. Afinal, todos somos muito diferentes e isso é muito rico e natural. O que não podemos é deixar que estas diferenças continuem gerando e perpetuando as desigualdades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Plano nacional de educação**. Brasília: MEC, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.

**Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (ed. or.: 1990).

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

CARRARA, Sérgio. **A Aids e a história das doenças venéreas no Brasil** (do final do século XIX até os anos 20). In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.).

COLETIVO FEMININO PLURAL. **Dia internacional da não-violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://femininoplural.org.br/site/campanhas/dia-internacional-da-nao-violencia-contra-a-mulher>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

EL PAIS. **O que já se sabe sobre o estupro coletivo no rio de janeiro**. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923\\_178190.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923_178190.html)>. Acesso em: 07 jun. 2016.

FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG. **Igualdade de remuneração entre homens e mulheres**. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/07822.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

GUILARDI, L. **Considerações acerca das transformações no campo a partir do turismo de veraneio**. XXI Encontro de geografia agrária. Uberlândia, MG, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 7-179.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEYER, D. E.; SOARES R. F. R; **Introdução – Corpo, Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares**: um início de reflexão. In: \_\_\_\_\_. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis. Vozes, 2001.

PEREIRA, M. E. et al (Org.). **Gênero e diversidade na escola**: Formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC. 2007. 1 CD ROM.

PPP - Projeto Político-Pedagógico. Garopaba, SC: EEB José Rodrigues Lopes, 2015.

PPP - Projeto Político-Pedagógico. Garopaba, SC: EEB José Rodrigues Lopes, 2016.

SEBRAE-SC. **Santa Catarina em números-Garopaba**. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/garopaba.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Inserido em: <http://portal.mec.gov.br/secad> Acesso em 3 nov 2012.

VIANNA, C. **Gênero e sexualidade nas políticas de educação dos governos FHC e Lula**: demandas históricas e desafios futuros. In.: TEIXEIRA, F. et al. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas**. Portugal: Universidade do Minho, 2010. p.357-62.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. **Quem são os meninos que fracassam na escola?**. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, v. 34, n.121, jan./abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **Políticas educacionais e superação das discriminações de gênero**: o caso do PNE. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: GÊNERO E PRECONCEITO, 7., 2006, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006. JESUS, Beto de et. al. **Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentese jovens**. São Paulo: Ecos, Corsa, 2006.

\_\_\_\_\_. **O gênero nas políticas públicas de educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.34, n.121, p.77-104, 2004.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-292-0

